

Os não conformistas Abdias do Nascimento e Sueli Carneiro



» ANDRÉ RICARDO NUNES MARTINS
Jornalista, membro da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira-DF)

Num curto período de sete anos, dois expoentes do movimento negro — um homem e uma mulher — denunciaram mazelas do racismo à brasileira. Dois textos, dois protestos. Em 1999, e em 2006. As denúncias foram veiculadas na *Folha de S. Paulo*. O apressado dirá: “Isso é passado”. Os manifestos, porém, soam contemporâneos, já que o dever de casa da inclusão racial é prioridade esquecida. Em ano de disputa eleitoral e de escândalos recorrentes das elites, eis a agenda que não se deve ignorar.

Os textos-denúncia foram recuperados na coletânea *A palavra e o poder — uma travessia crítica por 40 anos de democracia brasileira* (Ed. Civilização Brasileira, 2025), alusiva ao 40º aniversário do regime civil. São textos de opinião publicados entre 1984 e a primeira década deste milênio. Aos olhos de hoje, outros pensadores foram chamados a comentar a relevância do artigo original. Todos agrupados em oito subáreas tributárias de uma democracia que se busca efetiva e abrangente, sob a direção do professor Rodrigo Tavares e dos jornalistas Flavia Lima e Naied Haddad.

Os que ora destaque estão em *Desafios da inclusão*. Seus autores são Abdias do Nascimento, então com 92 anos, e a ativista Sueli Carnei-

ro. Abdias — lembremos a quem está em déficit com o conhecimento de nossas raízes afrobrasileiras — foi um dos pioneiros do movimento negro no século 20, fundador do Teatro Experimental do Negro e do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, deputado federal (1983-87) e senador da República (1991-99) pelo Rio de Janeiro, professor-visitante de universidades estrangeiras, como a de Yale, e conferencista de renome mundial. Já Sueli Carneiro é referência do movimento negro feminista, pesquisadora e autora renomada. Fundou em 1988 o Geledés - Instituto da Mulher Negra.

Começemos pelo primeiro, embora cronologicamente seja o segundo. Em 7 de julho de 2006 — a menos de sete anos de sua morte — Abdias levanta a voz por políticas públicas em prol da igualdade racial. As cotas raciais começavam a ser implantadas em universidades públicas desde 2002, e o movimento só crescia com o engajamento da sociedade civil e do poder público. No título, no entanto, vê-se modéstia. Ele valoriza cada tijolo acrescido à construção coletiva por dignidade racial que tem a ver com reparação e compensação. Em Ação afirmativa: o debate como vitória, Abdias celebrava o sistema de cotas para negros e indígenas sendo implementado já em 30 universidades, reconhecendo que fazer a sociedade civil debater a matéria já era uma vitória em si.

Enfrentou a discussão sobre o conceito de raça, desacreditado na biologia, mas bastante operante na realidade social. Realista, Abdias não via na medida o fim do racismo, pretensão muito ambiciosa. Almejava, sim, “elevar a autoestima da população negra e proporcionar-lhe um grau de igualdade de oportunidades”. Sereno, justo e equilibrado, soube reconhecer

que, nesse debate entre favoráveis e contrários às cotas, “existe vida inteligente dos dois lados”. Sua intervenção é na perspectiva de quem pensa grande: “a ação afirmativa favorece a nação brasileira, ampliando as oportunidades abertas à maioria de nossa juventude”.

Em 27 de dezembro de 1999, Sueli Carneiro chamava a atenção para o júbilo que tomava conta dos italo-brasileiros por estarem se vendo na telenovela *Terra nostra*, então em exibição pela TV Globo, fato constatado pelo deputado Aloizio Mercadante junto à comunidade italiana. O paralelo é óbvio: também os afro-brasileiros querem se reconhecer na tela da TV em produções que façam jus à grandeza, ao arrojo, à luta e resiliência dos africanos que para cá vieram e seus descendentes.

Em vez disso, tem-se produções de ânimo escravocrata. Reproduce-se o negro objeto e o racismo abjeto. Alimenta-se o viés conformista. Quem não tem passado admirável está perdido. Sueli Carneiro explora a contradição entre a realidade ao gosto da elite racista e a batalha travada pelo movimento negro. Impossível negar, resta esconder. Na tela da TV e na esfera pública, investe-se num projeto “que invisibiliza as lutas do presente por igualdade de direitos e oportunidades e pela afirmação da identidade étnico-cultural, as reivindicações de políticas públicas inclusivas...” Ou nas palavras do deputado negro Ben-Hur Ferreira, citadas no artigo: “... a novela opta por uma leitura do passado que reforça a violência racial do presente”.

As ações afirmativas prosseguem e são um sucesso. A tela da TV tem ficado mais plural. Abdias e Sueli são exemplos de não conformidade. Que surjam mais guerreiros e novas conquistas.



G O M E Z

O fim do sonho



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Caiu um muro ideológico na América Latina. As repercussões foram discretas, ninguém comemorou, nem chorou, mas o forte simbolismo da revolução cubana no imaginário político do continente virou passado, lembrança e história. O parlamento reunido em Havana, no início deste mês, aprovou o maior pacote de reformas econômicas desde que Fidel Castro tomou o poder, em 1959. Foram 176 medidas destinadas a enfrentar a grave crise econômica do país, marcada por escassez de produtos, apagões, inflação e queda da produção.

As principais medidas têm por objetivo ampliar o setor privado. Empresas particulares poderão crescer além de 100 empregados. O mesmo cidadão poderá possuir mais de uma empresa. Apareceu a liberdade para contratação de trabalhadores. O capital estrangeiro poderá participar diretamente de empresas privadas cubanas. Setores como agricultura, turismo, sistema financeiro e mercado cambial serão abertos a investidores nacionais e estrangeiros. Trata-se de profunda revolução dentro dos anteriores sólidos conceitos socialistas de Cuba. Fidel está se remexendo no túmulo.

Os cubanos descobriram agora o que os chineses perceberam décadas atrás: enriquecer é glorioso, sentença de Deng Xiao Ping que abriu o caminho do capitalismo de Estado e transformou a China na segunda maior economia

do mundo. No espaço de algumas décadas, os chineses retiraram da pobreza cerca de 500 milhões de pessoas. São os novos consumidores que permitiram o desenvolvimento de fornecedores antes pouco atuantes, como os da América Latina e, em especial, do Brasil.

Outro exemplo de sucesso nessa área é o Vietnã, país que foi massacrado pelas forças armadas dos Estados Unidos. Os vietnamitas resistiram com soldados de pés descalços e soluções criativas. Obrigaram o invasor, derrotado, a abandonar o país. Morreram mais de 50 mil norte-americanos naquela guerra. O Vietnã do Sul não existe mais e Saigon, antiga capital, foi rebatizada como Ho Chi Min, nome do comandante geral das forças do Vietnã do Norte. O governo do país privatizou empresas estatais, admitiu a livre concorrência, entrou para Organização Mundial do Comércio e estabeleceu relações diplomáticas com os Estados Unidos.

Os cubanos, depois de muitas hesitações, decidiram copiar os dois modelos de capitalismo de Estado. Empresas estatais poderão ser transformadas em sociedades de capital aberto. Além disso, bancos privados serão liberados para atuar no mercado interno do país. O governo anuncia também a intenção de reduzir os subsídios generalizados da economia, conceder autonomia para governos locais e reduzir a centralização das decisões econômicas em Havana.

O regime comunista cubano incendiou corações e mentes em toda América Latina. No continente, a guerra fria foi particularmente dura, porque o governo de Havana admitia a intenção de exportar sua revolução. Ernesto Che Guevara, o número dois do regime, foi preso e morto nas selvas da Bolívia, quando comandava a tentativa de promover a revolução comunista naquele país. Os serviços secretos

norte-americanos localizaram o argentino/cubano, o prenderam e o mataram a sangue frio. Guevara passou a ser símbolo da revolução em todo mundo.

O sistema comunista conseguiu alguns sucessos em Cuba. A medicina passou a ser disponível a todos e a educação também chegou aos cidadãos. Porém, o fracasso na condução da economia contaminou o esforço inicial. A má gestão política e estratégica levou o país a depender da ajuda da União Soviética. Quando o comunismo naufragou em Moscou, a economia cubana entrou em declínio. Obteve ajuda significativa da Venezuela, com petróleo a preços subsidiados, mas depois que os norte-americanos sequestraram Nicolás Maduro, ex-homem forte em Caracas, a ajuda terminou. E o dinheiro acabou. O país ficou sem energia elétrica, sem combustíveis, sem emprego e sem uma economia razoável.

A fuga de pessoas do país foi significativa. Apenas para o Brasil, em 2025, foram 75.599 pedidos de refúgio, aumento de 10,9% em comparação com o ano anterior. Os cubanos conseguem vistos para visitar a Guiana (ex-inglesa) e de lá atravessam a fronteira com Roraima, onde reivindicam a condição de refugiados. O forte embargo econômico que os Estados Unidos impuseram ao governo da ilha tem responsabilidade na queda do regime. Explica muito, mas não explica tudo. O sistema criado por Fidel Castro foi responsável pelo alto nível de concentração de poder, perseguição e morte sistemática de opositores e a péssima gestão do país.

O sonho libertário que varreu a América Latina virou utopia. Desfez a face heroica do regime desenhada pelo filósofo Jean Paul Sartre em seu famoso livro *Furacão* sobre Cuba, que incendiou o imaginário da juventude no continente. Tudo isso virou história.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

A epidemia silenciosa das apostas on-line

Poucos fenômenos cresceram com tanta velocidade no Brasil quanto as plataformas de apostas esportivas. Em poucos anos, elas deixaram de ocupar espaços discretos na internet para dominar transmissões esportivas, patrocinar clubes, comprar horários na televisão e invadir, de maneira permanente, celulares e redes sociais de milhões de brasileiros.

Durante a Copa do Mundo de Futebol, essa presença tornou-se ainda mais intensa. Praticamente, a cada intervalo de transmissão, cada vídeo nas redes sociais e cada aplicativo passaram a exibir anúncios convidando o público a fazer sua primeira aposta, multiplicar ganhos ou aproveitar “oportunidades imperdíveis”. A estratégia é sofisticada. Utiliza algoritmos capazes de identificar o perfil do usuário, seus hábitos de navegação e seus interesses esportivos. A publicidade deixou de ser apenas uma mensagem genérica e transformou-se em um recado personalizado. O celular, antes instrumento de comunicação e trabalho, passou a funcionar também como uma porta de entrada permanente para um gigantesco cassino virtual instalado no bolso de cada cidadão.

Segundo dados do Banco Central, os brasileiros movimentam dezenas de bilhões de reais por mês em apostas eletrônicas. Em estudo divulgado em 2024, a autoridade monetária estimou que os gastos mensais com apostas variavam entre R\$ 20 bilhões e R\$ 30 bilhões, evidenciando a dimensão econômica alcançada pelo setor. Esse volume impressiona não apenas pelo montante financeiro, mas por sua origem. Grande parte desse dinheiro sai diretamente do orçamento das famílias. Recursos que poderiam ser destinados à alimentação, educação, lazer, poupança ou investimento acabam sendo direcionados para plataformas cuja lógica matemática favorece, inevitavelmente, a própria casa de apostas.

A publicidade acompanha essa expansão. Influenciadores digitais, atletas, ex-jogadores, artistas e produtores de conteúdo aparecem diariamente estimulando apostas rápidas, frequentemente associando o jogo à ideia de sucesso financeiro, independência econômica ou enriquecimento fácil. A linguagem é cuidadosamente construída para transformar uma atividade de elevado risco em simples entretenimento. Especialistas em saúde pública têm alertado para o crescimento dos casos de ludopatia, o transtorno relacionado ao jogo compulsivo. Enquanto pesquisadores brasileiros observam o aumento na procura por tratamento em razão das apostas on-line, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece os transtornos comportamentais relacionados aos jogos como um problema relevante de saúde mental.

Outro aspecto que desperta preocupação crescente diz respeito à origem dos recursos que circulam nesse mercado. Autoridades brasileiras e organismos internacionais têm alertado para os riscos de utilização das plataformas de apostas em esquemas de lavagem de dinheiro. O Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), o Ministério da Fazenda e a Polícia Federal vêm reforçando mecanismos de fiscalização justamente porque o elevado volume financeiro e a velocidade das transações podem ser explorados por organizações criminosas. Não significa que todas as empresas do setor estejam envolvidas em práticas ilícitas. Significa, porém, que o mercado apresenta vulnerabilidades conhecidas pelas autoridades.

Relatórios produzidos por organismos internacionais, como o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (Unodc), apontam que atividades de apostas e jogos podem ser utilizadas por organizações criminosas para ocultação e circulação de recursos ilícitos quando não existem controles rigorosos de identificação de usuários, rastreamento financeiro e prevenção à lavagem de dinheiro. Esse quadro amplia a responsabilidade do poder público. A discussão deixou de envolver apenas liberdade econômica ou arrecadação tributária. Passou a abranger proteção do consumidor, saúde pública, segurança financeira e combate ao crime organizado.

Também merece atenção a intensidade da publicidade dirigida ao público. Embora a legislação brasileira tenha estabelecido regras para o funcionamento das apostas de quota fixa, cresce o debate sobre a necessidade de limitar campanhas publicitárias, sobretudo aquelas direcionadas a jovens e pessoas vulneráveis. Diversos países europeus adotaram restrições severas quanto aos horários de exibição, utilização de celebridades e divulgação em eventos esportivos. O Brasil enfrenta agora desafio semelhante.

A facilidade tecnológica transformou qualquer intervalo de poucos minutos em oportunidade comercial. Basta abrir um aplicativo, assistir a um vídeo ou consultar uma rede social para que novos anúncios apareçam oferecendo bônus, apostas gratuitas ou promessas de retorno imediato. Nenhuma sociedade elimina completamente o jogo. Trata-se de uma atividade presente há séculos. O desafio contemporâneo consiste em impedir que a tecnologia transforme uma prática recreativa em mecanismo permanente de captura da renda familiar.

O problema surge quando o espetáculo esportivo passa a funcionar principalmente como plataforma de recrutamento de novos apostadores. Num ambiente digital dominado por algoritmos, publicidade personalizada e comunicação instantânea, a proteção do consumidor exige fiscalização constante, transparência regulatória e educação financeira. Caso contrário, milhões de brasileiros continuarão cercados diariamente por incentivos cuidadosamente desenhados para estimular apostas sucessivas, enquanto parte significativa dos lucros permanecerá concentrada em um mercado cuja expansão ainda desafia a capacidade de supervisão do Estado.

» A frase que foi pronunciada

Um jogador nunca comete o mesmo erro duas vezes. Geralmente, são três ou mais vezes.

Terrence Murphy

» História de Brasília

Na sua superquadra, há um caminhão arrecadando agasalhos para as crianças pobres. Não deixe de dar um auxílio, que vai servir demais a quem não tem meios. (Publicada em 22/5/1962)